

Lembrança da Casa do Politécnico

Hora do grito

O prédio da casa do Politécnico tinha sete andares fora dois mezzaninos e o térreo. Ficava no bairro do Bom Retiro em São Paulo, junto dos prédios antigos da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo e quem o administrava era o Grêmio Politécnico. Hoje todos os prédios pertencem à FATEC São Paulo.

De vez em quando um grupo de estudantes da Casa do Politécnico abriam as janelas a uma determinada hora, por exemplo, às 3h da manhã, e começam a gritar. Acordava todos os que estavam dormindo.

Chico Buarque

Estava havendo na época o festival de músicas da TV Record e o Chico Buarque estava competindo com a música “Para ver a banda passar” que era cantada por Nara Leão. O Chico Buarque na época estudava na FAU- Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP e considerávamos um colega e alguns da Casa o conheciam.

Os 120 estudantes ficavam na sala onde tinha uma televisão branca e preta. Uns se sentavam em cadeiras e outros no chão. A torcida era imensa e todos cantavam as músicas do Chico Buarque, Caetano Veloso, Jair Rodrigues e outros.

Lembro quando estava almoçando em uns dos barzinhos no Bom Retiro e próximo a Casa e lá estavam vários politécnicos começavam a cantar a música ‘Para ver a Banda Passar’ de Chico Buarque. Foi uma época incrível!

Revolução de 1964

Estava morando na casa do Politécnico quando ocorreu a revolução de 1964 e estava no terceiro ano de engenharia civil na Poli.

Lembro que um estudante passou de quarto em quarto e alertou para quem tivesse livro de capa vermelha que a rasgasse, pois, caso houvesse uma inspeção dos militares seriam presos. Anos mais tarde conversando com um militar da época ele me confirmou que às vezes um sargento ignorante fazia isto e eles mandavam soltar o detido na hora.

Rasguei a capa do livro “O capital” de Karl Marx e confesso que nunca entendi bem o livro. Mais tarde soube da complexidade dos conceitos de Karl Marx e que realmente poucos o entenderam bem.

Em frente à casa do Politécnico ficava um quartel militar da Polícia Militar e colocaram bem em frente ao nosso prédio um ninho de metralhadoras com vários soldados que ficavam dia e noite de plantão.

Um costume antigo que tinha o pessoal da Poli naquele tempo era roubar placas de ruas e bustos de bronze. Cheguei a ver uma sala no Grêmio Politécnico nos porões dos prédios velhos, onde existia até placas furtadas na Itália.

Uma vez roubaram um busto enorme que foi puxado por um jipe e guardado. Lembro que o governador da época ficou muito nervoso e mandou as tropas da polícia militar para retirar o busto. Não houve reação nenhuma, pois, continuaram a roubar os bustos históricos de São Paulo. Penso que esta tradição acabou na EPUSP.

Acabara de entrar um novo estudante da Casa e fomos pregar um susto no mesmo. O pessoal pegou um busto de um militar com capacete, arranjamos um pedestal e uma capa e instalamos o falso policial na frente da porta do aluno novo. Eram 3 horas da manhã e com as luzes dos corredores todas apagadas batemos na porta muito forte. Quando o aluno abriu a porta e viu a estatua disse: Que foi Sr. Tenente, que foi ? Demos tanta risada e acendemos a luz. O novato nos ofendeu de todos os nomes feios e disse que no dia seguinte ia embora , pois, lá só moravam loucos. Sinceramente, ele tinha razão, pois, havia vários alunos que entravam na Casa e não aguentavam morar conosco.

Tinha um amigo Venezuelano chamado Parmênides que tinha estudado um pouco em Cuba e na Venezuela. Veio para o Brasil em intercambio apesar de não ter uma formação adequada à Poli. Tinha grande dificuldade de acompanhar os estudos na Poli e como eu era um aluno bom, ensinava muitas coisas a ele e fui apresentado aos seus colegas venezuelanos que estudavam matemática na USP. Lembro que o que eles estudavam de matemática, aprendia também na Poli com o professor José Camargo sobre a “Teoria dos Número”.

O Parmênides era comunista fanático mesmo e quando estourou a revolução de 1964 aconselhei-o a ficar quieto, mas ele não ouvia. Dizia que era estrangeiro e podia falar sem problema. De repente sumiu o Parmênides Sanabria Garcia e depois de 40 dias mais ou menos, reapareceu. Chamou-me do lado e falou que tinha ficado preso no DOPs por 40 dias e se alguém soubesse que ele falou que tinha estado preso, voltaria de novo e não sairia mais. Pedi-me como seu único amigo no Brasil que não contasse a ninguém e assim o fiz. Daquele dia em diante o Parmênides nunca mais falou em comunismo e nossas reuniões dos estudantes era a mais boba possível. Todos tinham medo de falar e de ser denunciado por um colega.

Espião

Lá na Casa morava um aluno que não estudava nada e só ficava conversando e provocando discussões. Sempre repetia de ano. Era a época da revolução de 1964 e um aluno riquinho tinha ido à embaixada dos Estados Unidos em São Paulo para tirar visto no passaporte para visitar o país. O seu nome tinha sido indeferido e ficou sabendo que tinha uma denuncia contra ele e ele viu sem querer dentro da embaixada um colega nosso da Casa do Politécnico.

No dia seguinte espalhou para nós e ficamos sabendo que o espião que ele conversava com as pessoas e mandava um relatório para a CIA através de uma Fundação e uma cópia para o DOPs. Ninguém mais conversou com o espião e o mesmo saiu da Casa e nunca mais foi visto.

Também desconfiávamos que houvessem espiões comunistas, mas deviam ser muitos que nem conseguíamos identificar.

Tínhamos dois colegas Trotskistas que não moravam na Casa e um deles era manco e os politécnicos o chamavam de senóide, pois, quando andava podia projetar uma senóide na parede. Todos davam risadas dos trotskistas por serem tão radicais, mas nós os respeitávamos, pois eram nossos colegas. Com a revolução de 1964 nunca mais vimos os dois Trotskistas.

Festas de fim de ano

Alguém da diretoria da Casa teve uma ideia de se fazer uma festa de confraternização por ocasião do Natal. Fizeram um jantar onde teria frango e strogonoff não sei do que, uma comida que nunca tinha comido e que era moda na época.

O local foi dentro da própria Escola Politécnica lá no Bom Retiro, em São Paulo.

Estava sentado comendo tranquilamente quando vi começar a passar pelo alto pedaços de coxas de frango. Ai começou o revide e as cadeiradas. Lembro-me de ver cadeiras voando perto da minha mesa e eu continuava a comer, pois, a comida era muito boa. No fim acabou a festa, fomos embora e durante 3 anos nunca mais houve festa de confraternização.

Tinha uma japonezada muito briguenta e eram lutadores de várias modalidades de lutas marciais. A briga era realmente feia onde se tirava o recalque daquela vida dura de estudante. De fato a turma da Casa era boa de briga, com exceção de mim e de alguns outros e chegava ao ponto de nossos colegas tinham receio de arranjar uma briga com alguém da Casa.

Pato da praça

Lá na praça em frente a Estação da Luz tinha muitos patos e eram comum à noite alguns colegas irem roubar os patos e depois o comiam no restaurante. Nunca fui convidado para comer os patos.

Passeata dos estudantes na rua Barão do Itapetininga

Já tinha estourado a revolução de 1964 e o Serra que presidente da UNE já tinha fugido para o Chile. Primeiramente tinha fugido para o Rio de Janeiro onde ficou escondido 8 meses na casa de um político e depois foi para o Chile. Lá estudou economia e perdeu os 2 anos de engenharia na Poli.

Foi programada uma enorme passeata dos estudantes na rua Barão de Itapetininga e fui com vários colegas da Casa. Tudo corria bem quando de repente vi cavalos, bombas de gás lacrimogêneo, soldados que não acabava mais apareciam soldados de todos os cantos. Fugi para a Casa e lá chegando, deitei-me na minha cama e pensei: minha vida de grevista está terminada e depois disto não participei de mais nenhuma atividade.

Uma vez vi na TV uma entrevista do José Dirceu que comentou a passeata da Rua Barão do Itapetininga, mas nunca o vi e nem conheci.

José Serra

O Serra estava no segundo ano e eu no terceiro, mas ele era o presidente da UNE. Estava havendo uma greve nacional dos estudantes e somente a Faculdade de Direito do Largo São Francisco não queria entrar em greve.

O Serra marcou uma reunião à noite com todos os estudantes da São Francisco. O Serra pediu quem queria ir com ele a noite e eu e mais vinte colegas da Casa fomos. Em lá chegando os estudantes da São Francisco estavam todos nervosos com os estudantes da Poli e até parecia que iríamos levar uma surra. O Serra que era um cara meio louco e corajoso entrou numa sala grande, abarrotada de estudantes e subiu em uma mesa. Falou, falou e de repente todos entraram em greve. O Serra e o pessoal da Poli saímos de dentro da São Francisco e fomos convidados pelo Serra e tomar um copo de cerveja no bar da frente da faculdade. Depois do copo de cerveja fomos a pé até a casa do Politênico.

Meu quarto

Morava no sexto andar e no quarto tinham 3 estudantes. Dois de engenharia civil e um de mecânica de projetos. O outro colega que fazia engenharia civil estava sempre bêbado e praticamente não falava com nos dois. Estava no terceiro ano de engenharia civil e o meu colega estava também no terceiro de engenharia mecânica de projeto. Lembro que ele estava sempre nervoso e foi para um psiquiatra e depois ele me contou. Chegando ao psiquiatra o mesmo perguntou: O Sr. é da POLI ? Como é que o sr. sabe?

Ele respondeu: estou cheio de clientes da Poli e daí o médico perguntou: Você está no terceiro ano? Ele respondeu: como você sabe? e em resposta: Todos os meus clientes são do terceiro ano.

Tive um colega que tinha morado em república de estudante nos dois primeiros anos da Poli e no terceiro ano ele ficou morando em Santo Andre e o mesmo se suicidou enforcando-se no banheiro de sua casa.

No terceiro ano os alunos viam que além de ser difícil de entrar na Poli, era difícil de sair e daí gerava um desespero em todos nós e alguns tinham problemas sérios.

No quarto em que morava na Casa havia 3 pranchetas que se usava muito naquele tempo, sendo uma para cada aluno. O chuveiro e banheiro era coletivo.

Aquele meu colega bêbado era parente do prefeito de São Carlos e de família importante. De vez em quando a noiva dele vinha junto com o seu irmão até a Casa do Politênico. Imediatamente os colegas a deixavam esperando numa sala de estar no andar

térreo e subiam até o quarto para dar um banho, fazer a barba e encher de café e perfume o bêbado. Depois da espera demorada o levaram até a noiva. Tínhamos dó da noiva.

Invasão de Cuba na baía dos Porcos

As aulas iam até às 18h e depois íamos para a Casa, tomávamos um banho e íamos estudar das 20h às 22h. Essa era a minha rotina.

De vez em quando havia palestras, discussões enfim uma série de atrações. Lembro-me do filme sobre o ataque americano na baía dos Porcos em Cuba. Não sei como aquele filme foi parar lá, mas vi toda a invasão vista pelo lado dos cubanos.

De vez em quando tinha apresentação sobre pinturas famosas que gostava de assistir. Havia discussões sobre filosofia comunistas e outras que eu preferia ficar estudando no meu quarto.

Teodolito

Os alunos da Poli podiam pegar emprestados os teodolitos e na casa os mesmos eram usados para ficar bisbilhotando alguma cena imprópria através de janelas e de espelho.

Lembro que nos prédios vizinhos tinha uma empregada que quando via que estava sendo observada tirava os seios para fora e os guardava. Era uma gritaria infernal e ela gostava.

O teodolito era também usado na cobertura para fazermos exercícios de geodésia de um professor muito exigente chamado Mesquita.

Musica La Bamba

Ficou famosa uma vez a música La Bamba e lembro de uma vez quando começaram a noite a cantar no andar térreo, passou para os mesânicos e para todo prédio cantando a mesma música.

ETA

Cheguei a ver atrás dos prédios velhos do Bom Retiro e junto à avenida, os restos de uma Estação de Tratamento de Água que um professor de química tinha feito no fundo dos prédios e próximo a av. A água era bombeada do rio Tietê e os alunos faziam o tratamento.

Departamento de Livros e Publicações –DLP

Em um dos porões dos prédios da Poli no Bom Retiro havia um lugar para comprar livros e apostilas e se chamava DLP e quem tomava conta era a dona Norma. O interessante

que os livros estrangeiros tinham que ser pago em dólar livro, que era o dobro do preço do dólar comercial vigente.

O costume na época era usar folhas soltas brancas em A4 chamadas de papel sulfite. Como não tinha dinheiro para comprar folhas soltas, comprava apostila velhas que iam ser jogadas no lixo e usava o verso para escrever. Lembro que minhas anotações de aula também tinham papel de jornal para embrulhar pão e folha de sulfite velha que pegava com minha namorada Edith.

Quando o estudante faltava uma aula pedia emprestada a colega as anotações da aula que perdeu e lembro quando os meus colegas riquinhos olhavam esquisito aquelas folhas de cor feia, mas acontece que eu era o primeiro aluno da turma.

Cursinho do Grêmio Politécnico

Perto do andar terreno do nosso prédio havia um cursinho famoso chamado Curso Politécnico patrocinado pelo Grêmio Politécnico. Havia uma regra: somente estudantes poderiam dar aulas no cursinho. Os professores recebiam um bom dinheiro e eles ficavam repetindo de ano para não serem dispensados.

Diretoria da Casa

Havia uma diretoria da Casa do Politécnico que era eleita e para entrar na Casa tinha que ser submetido a uma entrevista com umas duas pessoas, que depois de inúmeras perguntas decidiam se você poderia ou não morar na Casa. Fui aceito e logo me deram a incumbência de procurar tintas para pintar as paredes de um galão que é fácil de carregar na mão. Tinha uma carta padrão e fui a um monte de lojas em São Paulo pegando tintas. As vezes era bem recebido e outras não, mas sempre trazia tintas.

Havia também uma entrevista trote, da qual participei e me diverti muito. Era feito no último andar onde tinha uma sala com uma janela e tinha até um atendente. Era montado um consultório médico falso e um dos nossos colegas com uniforme e estetoscópio cujo nome era dr. Formigoni ficava anotando e perguntando ao novato perguntas indiscretas sobre sexo, masturbação, etc. Ai ia examinar o novato e o mandava tirar a roupa e ficar nu de costas para a janela. Quando estava totalmente nu e na posição combinada, abríamos a janela e tirávamos uma foto e ai começava a gozação. Falávamos que o presidente da Casa era o novato que teria a bunda mais bonita e que anualmente haveria uma exposição das bundas. Tudo era mentira, pois, a máquina só tinha flash. Mas o interessante é que tinha novato preocupado em que o pai dele iria pensar se visse a bunda dele na exposição. Terminada a brincadeira, escondíamos aquele novato e começava tudo novamente.

Briga com os estudantes da Faculdade São Francisco

Aos sábados havia um bailinho no nosso prédio da Casa do Politécnico que se chamava Chacrinha. Nunca fui a um destes bailes, pois preferia ir para a casa de alguma namorada.

Uma vez vários estudantes da São Francisco apanharam no baile e prometeram que no próximo sábado iriam acabar com a festa chamada Chacrinha. Todos os 120 estudantes foram convocados e ninguém podia sair. Ficamos um andar superior os 120 convocados sendo que nossos colegas japoneses entregou a cada um taco de beisebol. Quando nos chamaram para descer o pau já tinha começado e os estudantes da São Francisco estavam em frente ao nosso prédio e com roupas rasgadas e machucados. Eu nem precisei entrar em ação com o meu porrete, pois, eles fugiram e nunca mais apareceram na Casa do Politécnico.

Conversa entre o pessoal da Casa

Éramos chamados da turma do INPS ou outro nome e éramos respeitados devido ao poder de briga da japonezada principalmente.

Uma vez estávamos conversando sobre aumento de ônibus e de comida quando os riquinhos que estavam perto de nos, comentaram que nós reclamávamos muito, pois, a mãe ele nunca reclamou de nada. Pedi para os colegas da Casa não discutir estes assuntos na frente dos riquinhos, pois, eles não iriam entender os nossos problemas.

A verdade é que nos da Casa ficávamos um pouco isolado dos outros colegas, pois, faltava dinheiro e roupas. Recebíamos convite dos riquinhos para festas em suas casas e não podíamos ir, pois tínhamos que tomar vários ônibus e não tínhamos roupas adequadas. No fim os riquinhos acabavam não convidando mais a gente.

Jacqueline Myrna

Jaqueline Mirna era uma romena sensual que trabalhava na televisão e tinha muito sucesso com seu sotaque francês. Era costume antigo da Poli para os alunos de engenharia civil fazerem uma lista e escolherem uma mulher para passar a noite com todas as despesas pagas. As pessoas convidadas tinham que pagar o convite e aguardar o sorteio. Lembro que fui convidado, mas é lógico que não tinha dinheiro para pagar. Tive vários colegas que nunca souberam que isto existia, pois, não eram nem convidados a comprar o convite.

No meu tempo foi escolhida a Jacqueline Myrna e o hotel era daqueles famosos perto da Rua Direita.

Carro pegando fogo

Uma vez na hora do almoço estava em frente aos prédios do Poli no Bom Retiro e vi saindo bastante fumaça de dentro de um carro que estava pegando fogo. Um aluno que não conhecia gritou para várias pessoas procurando o proprietário do carro e não achou e não tendo mais o que fazer, pegou um tijolo, quebrou o vidro traseiro do carro e apagou o fogo.

Logo em seguida apareceu apavorado o dono do carro que quis bater no aluno que

tinha apagado o fogo, pois, pensara que o mesmo tinha quebrado o vidro sem razão. Não deixamos ele bater no aluno e depois de explicações ele pediu desculpas.

Dias depois de sacanagem uns colegas meus pegaram o carro daquele aluno, subiram as escadas e o colocaram dentro do prédio da Poli. Foi difícil explicar como o carro parou lá.

MIT

Quando estava no quarto ou quinto ano na Poli vieram vários professores do MIT (*Massachusetts Institute of Technology*) se reunirem com os professores da EPUSP e criticaram o que estava sendo feito.

A EPUSP estava dividindo os cursos. Toda a EPUSP tinha dois anos básicos que eram comuns para quaisquer modalidades. Na Engenharia civil tinha as seguintes modalidades: estruturas, estradas, construção civil e hidráulica. Escolhi engenharia civil modalidade estruturas. A engenharia mecânica tinha a modalidade de projeto e de produção. Pelo que entendi eles já tinham feito isto antes e voltaram para trás.

Vinicius de Moraes

Quando estava na casa vi uma reportagem de um jornal sobre a visita de Vinicius de Moraes na Poli onde achava estranho a convivência pacífica dos estudantes com diversas opções como comunistas, monarquistas, nazistas, etc. Até o momento não achei a reportagem da época.

Biblioteca da Poli

Como não tinha dinheiro para comprar livros, usava muito a biblioteca da Poli e li livros em varias línguas, principalmente o francês, depois o inglês, espanhol e italiano. Lembro que tive de estudar em livros franceses que eram traduções de livros alemães em assuntos de matemática do prof. José Camargo.

Professor José Camargo

O professor José Camargo chamado de Camargão era o terror da Poli e deu aula para nós no primeiro e segundo ano lá na Cidade Universitária. Lembro que no segundo ano perguntei sobre os teoremas que nos ensinava e nunca iríamos usar na prática e ele disse: Eu sei que nunca vão usar, mas estou ensinado a lógica matemática para vocês. A minha turma foi a última a ter aula com o Camargão.

Constantemente ele falava que a “A mocidade é como a flor do lótus, só floresce uma vez” e pedia para nós aproveitarmos a nossa juventude. Soube mais tarde que morava em um Flat em São Paulo e que era boêmio e amigo do governador Adhemar de Barros. Soube também que gostava muito de beber e sem dormir ia dar aulas para nós.

Ele dava aula nas salas inclinadas do chamado cirquinho na Cidade Universitária. Havia 3 lousas que eram erguidas pelo bedel. Um dia demonstrando um teorema quando chegou ao final com as três lousas, olhou para cima e disse: Cometi um erro lá no começo. Vou começar tudo novamente. Ninguém percebeu o erro e demos risada individual.

Quase ninguém sabe, mas o Camargão convidou o maior matemático português Bento de Jesus Caraça para dar aulas na Poli e ele recusou, pois, estava em prisão domiciliar pelo Salazar. Logo em seguida o Camargão pediu para o Caraça fazer a programação de aulas de matemática da Poli.

Jantar na Casa do Politécnico

A noite todo mundo da Casa jantava na Casa e somente há pouco tempo é que soube através do Botelho que o jantar da noite era subsidiado pelo Grêmio Politécnico, pois, durante o dia vinha almoçar várias pessoas inclusive que não moravam na Casa, mas a noite somente jantava o pessoal da Casa. Agradeço muito àqueles que tiveram esta feliz ideia.

QTG- Química Tecnológica Geral

As aulas de QTG eram dadas na Poli velha no bairro do Bom Retiro. Apreendi muito de química e de testes laboratoriais, assim como de plásticos e argilas.

República em Pinheiros

No primeiro e segundo ano da EPUSP as aulas eram dadas na Cidade Universitária (CU) mais havia algumas que eram dadas na Poli velha no bairro do Bom Retiro. Como Guarulhos era muito longe e tinha aula o dia inteiro, fui obrigado a morar em uma república em Pinheiros.

A república ficava na Rua Borba Gato há 50m da av. Teodoro Sampaio em Pinheiros. Era um sobrado com quatro quartos com dois alunos por quarto e na parte inferior na parte posterior da casa, morava um casal que tomava conta da república.

Havia alguns banheiros com chuveiros para banho. Cada um tinha que levar sua escova de dente, sabonete e toalha.

Almoço e jantar

O almoço dos estudantes geralmente era na Cidade Universitária onde comíamos no bandeirão do restaurante dos operários do IPT. A noite comíamos em restaurantes modestos próximos a nossa república um prato feito chamado de “sortido” que hoje é conhecido como comercial.

Às vezes comíamos em outras repúblicas localizadas na av. Teodoro Sampaio onde pagávamos a parte. Algumas vezes íamos jantar na Faculdade de Medicina Pinheiros cuja refeição era boa e barata. Íamos conversando e subindo a av. Teodoro Sampaio. Tinha lá até cadeiras para descanso e dar uma dormidinha.

Uma vez estávamos jantando numa destas repúblicas na av. Teodoro Sampaio, quando vieram os bifos, sendo um para cada um. Logicamente peguei o maior bife e um colega nosso reclamou dizendo que era mal educado, pois, deveria pegar o bife menor. Ai disse: se todos vocês iram pegar o bife menor, ia sobrar para mim o bife maior e então eu já o peguei. Todos deram risadas.

Quanto ao café da manhã tomávamos na padaria mais próxima que ficava na Av. Teodoro Sampaio e geralmente era um pingado e um pãozinho com manteiga. Na época havia problema com importação de trigo e comíamos broa de milho que eu gostava e meus colegas não.

Almoço no IPT

Todo dia a comida no IPT era a mesma e chegava um tempo em que não conseguia mais almoçar e ai comia um misto quente e um guaraná na cantina da escola e depois de alguns dias voltava a comer no IPT.

Lembro que uma noite e meus colegas da República resolvemos comer uma macarronada e fomos a um restaurante bonito na av. Teodoro Sampaio. Todos comemos macarronada no balcão e depois fomos para a nossa república satisfeito. A noite deu uma diarreia em todo mundo e lamentamos muito dizendo um ao outro que pobre não tem sorte mesmo.

Dançarinas russas (Bale de Bolshoi)

Uma vez vieram a São Paulo o Bale de Bolshoi e tinha um colega que falava bem o inglês o Hertz e fomos lá para conversar com as dançarinas soviéticas.

Quando elas terminam o bale fomos conversar com elas conseguindo falar algumas palavras, pois, elas não sabiam inglês e fomos detidos pela segurança e logo soltos.

Pinheiros

O bairro de Pinheiros era uma novidade em Guarulhos que morava em Guarulhos. Perto da nossa república tinha um belo cinema, bares e padarias muito bonitas e supermercado que não existia em Guarulhos.

Para pegar o ônibus e ir para a Cidade Universitária tínhamos que caminhar uns 500 metros até chegar a um local onde tinha ônibus direto para a CU. Outras vezes pegávamos

carona na av. Rebouças, mas usando o blusão da Poli. Mas corríamos o risco de não pegar carona e acabar chegando atrasado perdendo algumas aulas. Na maioria da vezes pegávamos o ônibus e na volta da Poli pegávamos o mesmo ônibus ou alguma carona que nos deixava na Av. Rebouças.

Curso de alemão

Tentei fazer um curso de alemão da Hans Staden ministrado por um aluno da Faculdade de Medicina Pinheiros, mas fui convidado a me retirar da classe, pois, não tinha dinheiro para o pagamento.

Curso de fotografia

Fiz inscrição em um curso de fotografia e revelação patrocinado pelo Grêmio Politécnico. O curso era gratuito, mas o problema é que não tinha máquina fotográfica e nem dinheiro para comprar material para revelação. Só ficava vendo o pessoal tirar fotografias e revelar.

Teatro

O Grêmio Politécnico recebia entradas gratuitas para teatros. Fui muitas vezes ao teatro, no começo com meus colegas e depois sozinho, pois, o pessoal não gostava muito de teatro. Tinha aprendido a ir ao teatro graças o Elio de Castro Mesquita que me levou a ver várias peças quando estava estudando engenharia na Poli.

Como não tinha roupa adequada para teatro, pois, naquele tempo o teatro é para gente rica bem vestida tanto os homens como as mulheres. Ia com o blusão da Poli de cor azul e gola amarela e todos respeitavam por ser a famosa Poli.

Vi peças famosas da época e lembro que gostei muito do teatro de Arena onde vi a peça de Maquiavel chamada “A mandrágora” que dei muita risada.

Aula trote

Era tradicional na Poli uma aula trote no inicio das aulas. O meu cunhado Elio de Castro Mesquita tinha me dito que na sua época, entrou um professor falando em português e disse que como todos tinham estudado francês a aula seria em Francês. O aluno era um Francês que vivia no Brasil e falou um Frances tão complicado e ninguém entendeu nada. Todos os livros recomendados aos alunos eram em francês.

Lembro que naquela época, aprendíamos Francês nos quatro primeiros anos do ginásio, mas sabíamos o que chamávamos de “francês ginásial”, isto é, muito pouco. Sabíamos

mais ler do que falar. Somente por curiosidade, aprendi latim, francês, inglês no ginásio no científico espanhol e inglês novamente.

No meu tempo a aula trote foi a seguinte. Entrou um professor e começou a dar uns conceitos de matemática muito complicados e mostrou quatro alunos cabeludos que estavam lá para comprovar e que tinham repetido de ano. Mandava prestar atenção nos conceitos e complicava cada vez mais, chegou uma hora que não estava entendendo mais nada e vi que seria difícil sair formado naquela escola.

Terminou a aula e começaram os comentários que a aula era trote e ninguém sabia direito se era ou não. Depois entrou outro professor chamado Waldir de avental branco e foi dar uma aula sobre “Teoria dos Espaços Afins” com “n” dimensões e dizendo que não era trote. Achei a maior gozação e disse para mim mesmo, que não ia cair de novo na brincadeira. Alguns anotavam a aula e a maioria não. Quando terminou a aula fiquei sabendo que não era trote e tive que emprestar de um colega japonês as anotações.

Bundógrafo

No trote na EPUSP era feito na Cidade Universitária. Levavam os estudantes masculinos para um banheiro, mandavam tirar as calças, passavam uma tinta nas nossas bundas e mandávamos imprimir a bunda em um papelão com o nosso nome. Era o bundógrafo e diziam que o presidente do Grêmio Politênico seria aquele que tivesse o bundógrafo mais bonito. Até hoje não sei onde foi parar o meu bundógrafo.

Professor Cabrão

Tinha um professor de desenho geométrico sempre muito bem vestido e que tinha cara de cabra. Uma vez tínhamos um colega boliviano e ele perguntou como se chamava o professor. Logicamente o colega ao lado respondeu: Cabron e ele levantou a mão e perguntou- Professor Cabron quero fazer uma pergunta ? e o professor respondeu com educação. O sr. foi vítima de um lamentável equívoco meu nome é tal. Todos demos risadas.

Victor Nehmi

Tive um professor chamador Victor Nehmi que era um gênio. Estava dando aula de química atômica quando um aluno o interrompeu e fez uma pergunta. Ele respondeu assim- A sua pergunta é tão imbecil que é difícil imaginar como você entrou na Poli ?

O aluno ficou quieto e continuou anotando a aula e em dado momento, levantou a mão e perguntou novamente ao professor Victor Nehmi e o mesmo respondeu: Você é ruim mesmo e nunca deveria ter entrado na Poli. Nós os alunos ficamos revoltados com a atitude, pois, tínhamos dúvidas como aquele aluno e resolvemos pregar uma peça no professor.

Na próxima aula o professor como sempre ficava de costas para a classe inclinada da Cidade Universitária que ficava no chamado Cirquinho, pois era o prédio era redondo em forma de um circo. Colocamos um cachorrão sentado na cadeira e quando ele se voltou para a classe viu o cachorrão olhando para ele e caímos na gargalhada. Ele chamou o bedel que era a pessoa que controlava a assinatura dos alunos e deu ordem expressa que quem quisesse poderia assinar e não entrar na classe. A partir daquele dia a classe estava 1/3 vazia, mas eu continuei assistindo as aulas.

O Victor Nehmi explicava as equações no quadro negro e de vez em quando virava e apontava o dedo para um aluno que estavam na classe inclinada. A gente se abaixava, olhava para os lados, pois dificilmente saberíamos as respostas e ele gritava apontando o dedo: Você!

O aluno tremia todo. Em minha opinião o Victor Nehmi era um gênio, mas achava que todo mundo era que nem ele. Eu tinha que estudar muito para entender os seus conceitos e raramente entendia na hora em que estava explicando.

Exame médico

Quando conto esta estória muitos não acreditam. Naquela época após o início do ano para confirmação da matrícula os alunos tinham que fazer exames médicos de saúde na Faculdade de Higiene e Saúde Pública que fica na Av. Dr. Arnaldo.

Era um exame médico rigoroso e gratuito para todos. Lá um médico me examinando disse que como tinha uma bola do saco maior que a outra, teria no futuro de fazer uma operação, o que realmente aconteceu. Solicitou ainda que puxasse a pele do pênis para descobrir a glândula.

Tive que fazer exames de vista e descobri que tinha um pouco de miopia e tive que usar óculos.

Fiz exame de sangue e constava o sangue tipo B com Rh + na minha carteira do Grêmio Politécnico que tenho até hoje.

Fazíamos também exames psicológicos pessoalmente e tínhamos um monte de questionários para responder.

Houve na época um colega nosso de Santos que eu não conhecia bem, não passou nos exames médicos e teve a sua matrícula suspensa, só entrando na Poli no ano seguinte.

Radio

Uma vez na república da rua Borba Gato em que morávamos, um colega nosso usando os fios de telefone como base, fez um sistema de rádio comunicação. Era uma época tumultuada entre 1962 e 1963 e que se falava muito sobre comunismo.

Na radio fazia brincadeira convocando os comunistas a se reunião na Rua X número A no horário tal. Este colega era judeu e morava em Santos. Ensinou-nos a cantar Hava Naguila em hebraico.

O Nelson tinha um irmão mais novo que escrevia uma vez por semana no jornal A Folha de São Paulo e gostava de brincadeiras, como colocar casca de pão moído entre os lençóis, pois, dava uma coceira e ninguém conseguia dormir.

Filosofia

Enquanto íamos todos juntos jantar em alguma pensão barata perto da Av. Teodoro Sampaio era comum discutirmos assuntos do momento, tais, como a existência ou não de Deus; reforma agrária, comunismo, socialismo, etc.

Geralmente um de nós puxava o assunto e começava as opiniões as mais diversas e adorávamos discutir. Era comum um de a turma puxar um assunto como se não soubesse de nada e depois ouvir as diversas opiniões e dava um show de conhecimento. Esta pegadinha eu já conhecia dos meus amigos de Guarulhos.

Nilo do Amaral

O dr. Nilo do Amaral era nosso professor de concreto armado e era o ano de 1964, estava no terceiro ano da EPUSP e estudava na Poli do Bom Retiro.

Numa manhã a primeira coisa que o prof. Nilo fez foi contar que estava em um tomando cafezinho perto da Praça da Republica no centro de São Paulo, e tinha um pedreiro com uma talhadeira escavando o pilar redondo. Perguntou ao português dono bar e ele respondeu que estava fazendo uma prateleira!

Imediatamente conseguiu falar com os responsáveis pelo prédio e embargaram a obra do português que acabou não fazendo a sua prateleira.

Lucas Nogueira Garcez

Antes de entrar na Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, o meu cunhado Elio de Castro Mesquita, sempre comentava alguma coisa do seu professor Lucas Nogueira Garcez. Ele tinha sido governador do Estado de São Paulo e levou o pessoal da Poli para vários cargos importantes no governo do Estado, iniciando uma tradição de um ajudar o outro na subida aos cargos importantes.

Quando entrei na Poli o Lucas Garcez não foi meu professor. Era chefe da cadeira e só comparecia em solenidades e uma vez o vi lado a lado na subida de um elevador.

O Lucas Nogueira Garcez escreveu um livro com a colaboração de vários professores e o livro era muito famoso quando comecei a estudar na Poli.

Após me formar fiz vários cursos de pós-graduação na própria Poli e na Faculdade de Higiene e Saúde Pública, sempre com a orientação do professor Kokei Uehara.

Depois de estudar muito a hidráulica e hidrologia e lendo muitos livros internacionais achei que o livro do Lucas Garcez não trazia nenhuma novidade e comentei isto com o prof. Kokei que disse: O professor Lucas Garcez introduziu novos conceitos no Brasil através do seu livro pondo em risco sua carreira como professor, pois, naquele tempo tais assuntos eram novos e todos tinham até medo de ensinar. Ele foi corajoso em mostrar o aproveitamento múltiplo dos recursos hídricos e outras ideias novas.

Acabei concordando, pois, quando avaliar uma pessoa nos devemos reportar à época em que ele viveu e não nos tempos atuais.

Outra curiosidade do Lucas Garcez foi me contada pelo professor Luiz Augusto Martins.

Na construção do aeroporto militar em Cumbica em Guarulhos era responsável o engenheiro civil do Mackenzie Olavo Fachini, que era primo do meu pai Egisto Thomaz.

O dr. Olavo Fachini contratou o engenheiro José Augusto Martins para fazer a pista e como tinha muito problema de drenagem ele acabou ficando um especialista no assunto sendo convidado após a conclusão da pista a ser professor na Poli, com a condição que fizesse um estudo de aperfeiçoamento na Harvard nos Estados Unidos que era o padrão da Poli naquele tempo. Professores como Azevedo Neto também fizeram o curso na Harvard à custa da Poli.

Mauricio Gerscheitein

Milton Vargas

Mesquita

estrelinha, topografia, etc, pindura

Pedro Bento Gravina

Pedro Bento Gravina foi meu professor no último ano e dava aulas lá na Poli do Bom Retiro onde hoje é a Fatec-SP.

As aulas eram tão boas que classifico como aula-show. Usava data-show, falava muito bem e uma aula muito bem preparada. No tempo da Revolução de 1964 cada classe elegia o seu representante e eu era o representante da turma de Engenharia Civil –Estruturas. Para mudar provas, o professor só conversava com o representante de turma. Uma vez o Pedro Bento Gravina rindo me entregou uma carta escrita em inglês que tinha vindo do Japão e pediram autorização para fazer o livro dele sobre “Teoria das Cascas” em japonês, mas antes tinha enviado carta à Alemanha pensando que ele era alemão. O livro do Gravina sobre estruturas de concreto em cascas é o único livro de um politécnico que foi feito em praticamente todas as línguas. Como me contou o dr. José Augusto Martins os professores tinham ódio dele por sua aula show e falavam que devia dar aula e não show. Era tudo inveja. Cansado dos professores e das greves na Poli prestou concurso na Itália passando em primeiro lugar e se aposentou como Reitor da Universidade de Roma. Conheci um sobrinho dele que me contou que há anos ele veio da Itália dar uma palestra na Universidade de São Carlos da USP e ficou decepcionado com a má vestimenta dos alunos com tênis, bermudas, etc.

Pietro Candreva

O Pietro Candreva dava aula de resistência dos materiais. Uma matéria muito difícil. Na primeira aula ele comentou que tinha expulsado três alunos da Poli, pois, naquele tempo quem repetisse 3 anos na mesma matéria era jubilado. Fizemos muitas greves para acabar com isto, pois, havia lei para a jubilação quem repetisse em um conjunto de matérias e a Poli resolveu que o conjunto é uma só unidade. Depois de uma greve geral mudamos para o conjunto ser 2 ou 3 nem me lembro e acabou o problema de jubilação.

Lembro que um aluno que era romeno deu uma risadinha na primeira aula o dr. Candreva pediu para ele tomar cuidado.

Os alunos tiravam nota muito baixa e pela primeira vez, eu como representante de turma tive que ouvir no intervalo que eles queriam que eu fosse reclamar dele com o diretor da Poli. Disse-lhes como eu vou reclamar, pois só tiro 9,5 ou 10 vocês é que devem estudar mais. Muitas vezes explicava no quadro negro as teorias do Candreva para os meus colegas. No fim todos estudaram e passaram.

Fiz estágio no escritório do Candreva. Naquele tempo se usava régua de calculo, não tinha microcomputador e tudo era manual. Ele me levou em sua sala particular no escritório e me ensinou a calcular o problema dos ventos em edifícios, uma estação de tratamento de água e uma cúpula de igreja feita em casa de concreto.

Usávamos naquele tempo o método de propagação dos momentos que era fácil para mim e podia ser usado em cálculos de pontes facilmente.

Foi o Candreva que calculou aquela torre do edifício Gazeta na av. Paulista.

Para mim o Candreva era um gênio. Era filho de italiano da Calábria e descendentes dos albaneses que são considerados pessoas muito bravas.

Tinha um engenheiro muito inteligente que trabalhava com o Candreva e que não acreditava em flambagem e enchia a cabeça da gente com muitas discussões. Lembro que naquela época li em espanhol um livro russo que falava em flambagem como se o concreto tivesse um pequeno defeito e daí o problema.

Há alguns anos consegui o telefonema do Candreva e falei com ele. Disse-me que estava aposentado e que tivera muitos alunos, mas que lembrava muito bem de mim, pois era uma pessoa que se destacava em as outras.

Jose Augusto Martins

Kokei Uehara

Camargão

Chico Landi

Tufi Mamede Assy

Jose Meiches

Helio, edifício gazeta

Ruy Aguiar da Silva Leme

O professor Ruy Aguiar da Silva Leme foi meu professor de economia e estatística na Poli. Ele escreveu um livro de Estatística e todos tínhamos orgulho dele. As aulas dele eram brilhantes e lembro como num quadro negro todo apagado e nos ensinou o que é inflação. Sem dúvida era um show man e muito inteligente. Contavam-se muitas historias deles, pois quando alguns empreendedores estavam com problemas o chamavam e ele ouvia todos falarem e sem fazer uma conta, sugeria o que tinha que ser feito para resolver o problema na firma e cobrava muito bem por isto. Foi convidado para ser presidente do Banco Central e aceitou o cargo.

Para paraninfo da nossa turma de engenheiros da Poli tivemos dois candidatos fortes, o Ruy Leme e um Bispo do Nordeste que criticava muito a revolução de 64.

Bonilha

Pimentinha

Pimentão

Decio de Zagotis

Telêmaco Van Langendonc

O Telêmaco foi meu professor. Contavam os alunos que foram à Alemanha e que lá ensinavam concreto baseado em um dos seus livros.

No último ano na Poli uma colega nossa Hilda Marie Clauzeau fez uma festa na sua mansão e convidou toda a turma de estrutura bem como os professores. Tomei 3 ônibus para chegar ao local da festa. Conversei com o dr. Telêmaco e disse que mandou fazer uma laje na sua casa e o pedreiro estava ensinando para ele o que é ferro positivo e ferro negativo.

Lembro que em uma aula de lajes de concreto fiz uma pergunta e ele me respondeu dizendo que estava escrevendo um livro justamente sobre aquela minha pergunta que o livro seria sobre Charneiras plásticas.